

Ex-funcionário do FMI aconselha cautela com o Brasil ao Libra Bank

por Tom Camargo
de Londres

Enquanto o Libra Bank PLC, banco em consórcio inglês do qual o Itaú é um dos dez acionistas, anunciava ontem que seus lucros antes de impostos de 1984 cresceram 37% sobre os de 1983, chegando a 42,6 milhões de libras esterlinas (ou 44,9 milhões de dólares), sua diretoria ainda refletia sobre conselhos que acabara de receber de um consultor independente.

Walter Robichek, ex-chefe da Divisão de Ocidente do Fundo Monetário Internacional (FMI), preparou para o Libra um pessimista quadro da situação latino-americana, destacando o problema da inflação brasileira como maior obstáculo para que o País volte a desfrutar a confiança do sistema financeiro internacional.

Ele acredita que o governo Tancredo Neves estará muito mais atado à opinião pública do que às administrações anteriores e que, por isso, terá muito pouco espaço para aplicar remédios adequados à economia.

"A opinião pública", disse Robichek no estudo entregue ao Libra, "não parece preparada para pagar o inevitável preço cobrado por uma genuína estratégia antiinflacionária. Engana-se a si mesma acreditando que deva existir algum processo indolor de estabilização."

Em função disso Robichek afasta a chance de um declínio apreciável na taxa anual de inflação a curto prazo.

FUGA DE CAPITAL

"É difícil antecipar uma volta de confiança no sistema financeiro brasileiro", afirma, "e isso poderá significar a volta de uma fuga de capitais em larga escala, principalmente se as taxas de câmbio e os juros domésticos não forem autorizados a manter passo com a inflação."

O México, devido ao fracasso de seu programa de melhoria da produtividade agrícola, causa ainda mais apreensões ao ex-funcionário do FMI. A Argentina, ele diz, é, "dos quatro grandes da região, o

Sotaque carioca na nova direção

por Tom Camargo
de Londres

Peter A. Belmont será o sucessor de Thomas A. Gaffney na direção executiva do Libra Bank. A mudança, anunciada ontem com os resultados do banco para 1984, lança luz sobre as preocupações da casa.

Belmont, que morou no Rio por algum tempo e fala um bom português com sotaque carioca, conhece bem a América Latina, trabalhando para o Chase Manhattan Bank, do qual ainda é funcionário, operou em diversos países do continente e seu estilo direto nem sempre agradou a todos interlocutores.

Destacado para o Libra, do qual o Chase é o principal acionista, por dez anos acompanhou diretamente os negócios feitos na região. Graças a ele o banco evitou algumas cascas de banana. Por exemplo, por não contar com garantia real do Tesouro, negou-se a emprestar para as cooperativas de açúcar que se puseram sob as asas do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

te denominado em dólares, cresceu apenas 5%.

Comentando, o principal executivo do Libra, Thomas F. Gaffney, disse: "Nos últimos três anos, apesar do generalizado reescalonamento de débitos na América Latina, e da participação do banco em programas de 'dinheiro novo' patrocinados pelo FMI, nossa 'exposure' ampliou-se em apenas 150 milhões de dólares. Isso foi obtido ao considerável nível de pagamentos recebidos de empréstimos não reescalonados".

Em 1984, os ativos totais do Libra cresceram 550 bilhões de libras (cerca de 580 milhões de dólares), atingindo 2,3 bilhões de libras (ou 2,42 milhões de dólares). Mas praticamente toda a ampliação se deveu à valorização do dólar.

Gaffney admite que todas as novas reestruturções de dívida "resultarão em menores margens (spreads)", mas considera que "isso não terá impacto significativo sobre a receita líquida do banco no médio prazo".

menos atraente para os emprestadores estrangeiros".

Em 1984, um ano em que todos os percalços descritos por Robichek afetaram toda a América Latina, onde se concentra o grosso da clientela do Libra, o portfólio de empréstimos do banco, que é quase inteiramente

SUNAMAM

Senado aprova criação de CPI

O Senado aprovou ontem o requerimento do senador Roberto Saturnino para se criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apuração das irregularidades na concessão de empréstimos à indústria naval brasileira. A CPI da Sunamam, como foi batizada, deverá ser instalada já na próxima semana.

Mais otimista do que Robichek, o diretor do Libra acha que o problema da dívida tende a tornar-se "menos agudo" nesta segunda metade da década.

A abertura de uma agência em Nova York, acompanhada da procura de melhores classificações de crédito junto às principais agências norte-americanas, deverá resultar na obtenção de financiamentos de curto, médio e longo prazo durante 1985.

Outro banco em consórcio com interesses brasileiros, o Eurobrás, do qual o Banco do Brasil é um dos cinco acionistas, apresentou seus resultados de 1984 no mês passado.

Seu lucro pré-impostos foi de 31 milhões de libras esterlinas (cerca de 32,7 milhões de dólares pela cotação de ontem) e pós-impostos 13 milhões de libras (ou 13,7 milhões de dólares), em comparação com 19,3 e 7,5 milhões de libras em 1983.